

Culture Cartography Platform: collaborative process of mapping and debate

Juliana Trujillo¹, Marcelo Tramontano²,

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Brasil
juliana.trujillo@ufms.br

² Universidade de São Paulo, São Carlos, Brasil
tramont@sc.usp.br

Abstract. This article presents the implementation of the Cartografia da Cultura online collaborative platform in the city of Campo Grande, MS, Brasil, which sought to expand participation and collaboration in the processes of building public policies. The platform is the main experiment of the doctoral research entitled From the participatory city to the collaborative city: sharing decisions on on-line platforms, defended in September 2022. We present the criteria that guided us in the design and construction of the platform, supported by a collective work that lasted 20 months, whose main collaborator was the Municipal Cultural Forum of Campo Grande. The main functionalities of the platform are the mapping of cultural agents, dissemination of the agenda of events and environment for debate and decision-making, all with data fed by registered collaborators. Over 10 months, we observed the appropriation and use of the platform by the local community, in which the systematization of data allowed revealing the results and contributing to discussions related to online platforms for citizen participation.

Keywords: Open source, Citizen participation, Online digital platform, Collaborative process, Social networks.

1 Introduction

O surgimento de redes de comunicação eletrônica, somadas à Internet, revolucionou o modo como acessamos as informações e nos comunicamos, muito em função da transmissão de dados que ocorre de forma instantânea. Meios digitais como plataformas de consulta pública, repositórios e ambientes de conversação podem tornar possível a ampliação de vozes entre os diferentes atores que atuam em processos participativos, trazendo à tona os conflitos, explicitando as divergências que existem em uma comunidade. A plataforma Cartografia da Cultura foi baseada em uma estrutura em que todos que colaboram sejam atores (Latour, 2012), que tenham autorização para discutir a realização de projetos coletivos, com maiores chances de serem

ouvidos, e de discutirem os métodos; e possam, em um momento, liderar e, em outro, serem liderados. *A possibilidade de processos colaborativos e horizontais, quando acompanhados pela mediação da informação entre todos os envolvidos, sinaliza a produção do espaço urbano assentada nas bases da coexistência socioespacial.* (Marteleto et al; 2013, p. 91).

Pesquisas sobre plataformas on-line apontam que ainda há muito a ser discutido sobre a eficiência da sua contribuição em processos participativos, mas não há dúvidas de que este é um meio que deve ser explorado, cada vez mais, com o intuito de aprimorar a organização da comunicação, assim como da troca de informações, considerando um grande número de pessoas. Notamos que algumas plataformas parecem mais adequadas a processos de debates de ideias e à votação (como por exemplo, a *Decide Madrid*), enquanto outras foram desenhadas para o recebimento de queixas da população (Colab.re), demandando uma rápida devolutiva quando vinculadas aos serviços administrativos. A concepção da plataforma precisa ser cuidadosa para ser eficiente e inspirar confiança e envolvimento nos usuários, adequada à mediação de processos comunicativos de diversas naturezas.

No nosso caso, tratamos do desenvolvimento da plataforma Cartografia da Cultura (www.cartografiadaculturacg.com.br) que se propõe a organizar a informação em forma de mapeamento e fomentar a comunicação na discussão de políticas públicas culturais de forma a garantir a preservação da informação em longo prazo e, especialmente, o livre acesso aos dados disponibilizados on-line. Essa é uma característica fundamental de plataformas que se destinam a consultas públicas e ao arquivamento de documentos e fóruns de discussão, que são essenciais para processos participativos e de construção coletiva que visem às tomadas de decisão.

A sociedade civil deveria buscar formas mais constantes e efetivas na participação política, priorizando o poder argumentativo dos participantes e a deliberação pode ser a melhor opção para a democracia, pois facilita a identificação dos problemas e desenvolve a colaboração na busca de solução e testagem, permitindo adequações ao contexto local. Essa flexibilidade deliberativa possibilita uma revisão de posicionamento e mudanças constantes (Sanders, 1997; Vita, 2004 apud Sampaio, 2012). O debate político em grande escala no contexto brasileiro se dá no período eleitoral, que acontece de 4 em 4 anos (considerando, por exemplo, a eleição para presidente, governadores, prefeitos, deputados e vereadores), onde o processo não considera essa revisão constante necessária para o amadurecimento do debate que culmina na tomada de decisão. Entendemos que, no caso específico brasileiro, a inserção das tecnologias da comunicação e informação nos processos participativos é restrita, seja por falta de acesso, seja até mesmo pela ausência de estruturas essenciais para o funcionamento pleno de meios que forneçam o aparato necessário para a participação de toda a sociedade. Assim, os cidadãos deveriam ter papéis mais ativos nas escolhas públicas ou, ao menos, outras formas de enviarem demandas e necessidades aos representantes políticos. Plataformas colaborativas independentes, de código aberto, não

moderadas pelos canais oficiais de poder, apropriadas por grupos menores da sociedade civil, poderiam formar essa rede de discussão cotidiana sobre os mais diversos aspectos da vida pública.

1.1 Indicadores para o debate e deliberação on-line e critérios para a construção da cartografia social

Autores como Dahlberg (2001), Janssen e Kies (2005), Jensen (2003) apontam para um conjunto de critérios mais consistentes para a deliberação on-line, analisando o contexto dos atores envolvidos, as ferramentas digitais utilizadas e a deliberatividade das mensagens. Sob a ótica estrutural do debate nas plataformas, o primeiro indicador é a organização da comunicação, que compreende cinco critérios a serem verificados: 1. Identificação do colaborador; 2. Abertura e liberdade de discursos; 3. Avaliação de quem hospeda a discussão; 4. Moderação; e 5. Ambiente de debate visto como um espaço público. O segundo indicador, conforme Janssen e Kies (2005), é composto pela cultura e ideologia política dos participantes e do proponente do debate deliberativo: as diferenças culturais entre regiões; o tipo de ator político proponente; a ideologia das pessoas atraídas pelo ator político; e o tópico de debate. E o terceiro indicador, de forma complementar à organização comunicativa, o design e o conteúdo do ambiente de debate devem ser considerados como objetos de avaliação (Grönlund, 2003; Wright; Street, 2007; Ferber; Foltz; Pugliese, 2007 apud Sampaio, 2012). Isso demanda uma sistematização por parte do pesquisador, para verificar a responsividade da plataforma, e depende dos tipos de funcionalidades que são disponibilizadas aos participantes. Esses indicadores nortearam a concepção da plataforma Cartografia da Cultura, considerando as especificidades técnicas e limitantes da equipe executiva e as demandas do Fórum Municipal de Cultura (FMC).

Além da construção de um ambiente de debate e deliberação, a plataforma possibilita o mapeamento colaborativo dos agentes culturais do município, buscando a realização de uma cartografia social da cultura na cidade.

Mapear não trata apenas de uma medição objetiva: a de mensurar o espaço em determinado momento; mas, sobretudo, decidir sobre o que deve ser medido ou não, o que é representado no mapa ou não. Portanto, mais do que uma forma de conhecimento, a cartografia pode ser entendida como uma forma de poder.

A cartografia social constitui-se como um procedimento metodológico que visa à construção de mapas, levando-se em consideração múltiplas dimensões, coletiva e participativa, necessárias para a produção do conhecimento presente no território. Conforme Arango, Sánchez e Mesa (2014), a cartografia social é um instrumento de produção do conhecimento numa perspectiva dialógica, fundamentada na abertura de conhecer e experimentar os territórios, levando-se em consideração as percepções e os desejos dos grupos sociais envolvidos no processo de mapeamento participativo e colaborativo. *Em oposição ao conjunto de representações*

oficiais que criam uma realidade cartografada que coincide com objetivos, anseios, interesses e desejos do grupo que produziu o mapa, surge o processo formativo inerente a cartografia social, que propicia o empoderamento do conhecimento territorial aos grupos sociais que estão passando por algum tipo de conflito. (Neto et al., 2016, p. 3).

O mapeamento participativo deve estar fundamentado na transposição didática dos conceitos, fundamentos e técnicas inerentes às geotecnologias para a população que vai realizar o processo de mapeamento. A questão que se coloca para a discussão não é apenas a transferência de conhecimentos geocartográficos para os grupos sociais que são protagonistas do mapeamento, e sim realizar a contextualização da importância desses instrumentos técnicos enquanto dimensão a ser apropriada, tendo em vista a representação integral das características territoriais.

Em função disso, as funcionalidades da plataforma Cartografia da Cultura foram pensadas para trabalharem de forma complementar, uma em relação à outra (debate, mapeamento e agenda cultural), assim como a ampliação da plataforma na formação de uma rede com outras redes sociais, por exemplo *Instagram* (@cartografiadaculturacg) e *WhatsApp*. Dada a experiência da plataforma, compreendemos que a cartografia social se apresenta em um processo formativo que exige esforços significativos dos sujeitos envolvidos no ato de mapear. Por isso a importância da criação de uma rede ampliada, para que as formas de comunicação se complementem entre si, buscando um processo de formação a partir da prática da discussão sobre políticas públicas ou sobre questões relacionadas ao cotidiano da comunidade, como editais, formação de conselhos e representatividade, no que diz respeito à coletividade. Muito em função da mediação digital e da Internet, a cartografia vem sendo cada vez mais utilizada, especialmente com o propósito de gerar informações para legitimar e caracterizar algum tipo de acordo ou controle social relacionado a um território.

2 Procedimentos para a construção da plataforma

O desenvolvimento da plataforma Cartografia da Cultura se deu ao longo de 20 meses (Figura 1), não considerando o período da pesquisa de precedentes e de revisão bibliográfica. De setembro de 2019 a abril de 2021, o período mais longo, foi destinado à definição da equipe técnica, reuniões presenciais com o grupo técnico e diretoria do FMC, participação da equipe técnica em assembleias gerais do FMC e desenvolvimento do *Frontend* e *Backend* da plataforma. Este período marcado pela restrição sanitária devido à Covid-19, desarticulou a equipe técnica, composta pelos pesquisadores, o que levou muito mais tempo do que planejado. Entre abril e maio de 2021, realizamos o período de pré-testes e ajustes da plataforma e no dia 10 de maio de 2021 a plataforma ficou acessível e aberta para navegação.

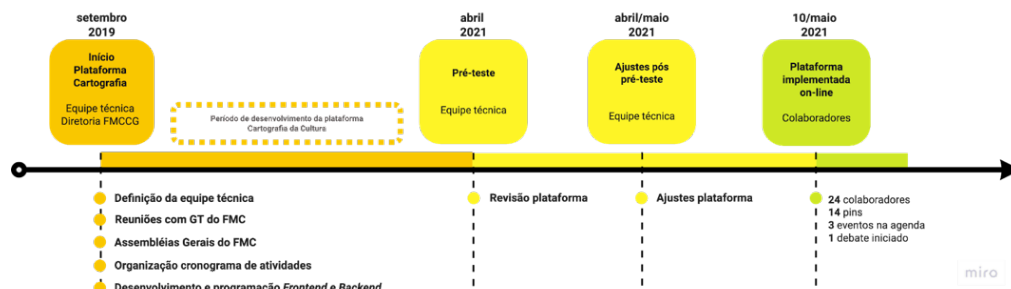


Figura 1. Etapas de desenvolvimento da plataforma. Fonte: Autora, 2022

A proposta foi de uma plataforma independente, on-line e colaborativa do Fórum Municipal de Cultura de Campo Grande, que buscou auxiliar no processo de conversação e construção de políticas públicas e projetos coletivos ligados à cultura no município contendo tem três funcionalidades principais: o mapeamento, a divulgação de eventos e o debate. O colaborador cadastrado tem autonomia para utilizar todas as funcionalidades da plataforma. O objetivo deste ambiente virtual foi mapear e reunir dados sobre a cultura da cidade que possibilitem entender as demandas da classe artística e visualizar no mapa onde estão localizados os agentes da cultura na cidade.

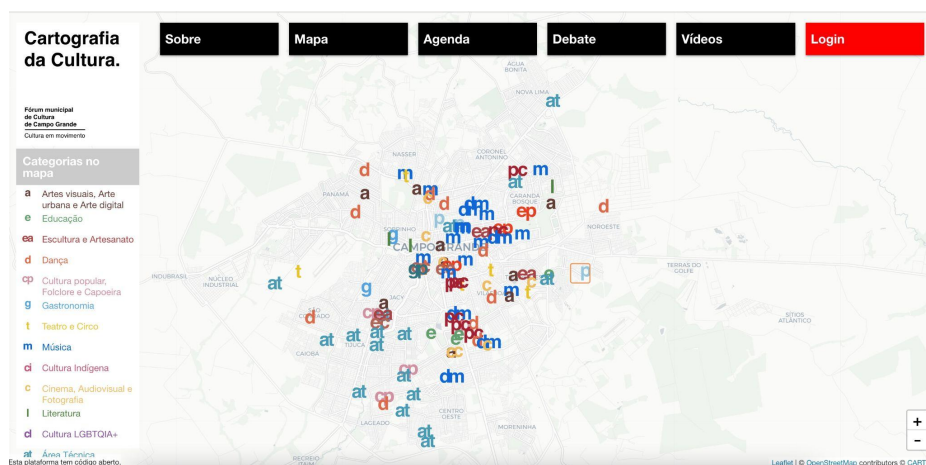


Figura 2. Captura da interface gráfica da plataforma Cartografia da Cultura. Fonte: Autora, 2022.

O mapeamento facilita o encontro e a identificação entre esses agentes e pode estimular a formação de novos coletivos, novas ações e uma gestão mais compartilhada. É um espaço aberto para os colaboradores interessados nos assuntos relativos à cultura, procurando dar voz e visibilidade de forma horizontalizada, diminuindo hierarquias. Os colaboradores são artistas,

coletivos, colegiados, técnicos, associações culturais, produtores culturais, gestores públicos, gestores de espaços culturais, educadores e qualquer pessoa que queira participar da discussão sobre a cultura municipal. Do ponto de vista do colaborador, as formas de interação e colaboração na plataforma acontecem da seguinte forma:

1. Cadastro: Ao fazer o cadastro, o colaborador é informado sobre as funções que ele pode utilizar na plataforma.
2. Inserir-se no mapa da cultura: o colaborador, por meio do preenchimento de um formulário pode inserir um *pin* no mapa. O *pin* é um marcador, o símbolo que localiza algo no mapa. No nosso caso, os *pins* representam categorias ligadas à cultura e são representados por letras. Quando o colaborador insere um *pin*, a localização informada aparecerá no mapa, indicada pela letra da categoria com a qual ele se identificou. Além da localização, ao clicar no *pin*, as informações de contato do colaborador são exibidas.
3. Divulgar eventos que o colaborador participa ou promove. A agenda cultural é o local destinado à divulgação dos eventos culturais do município e de encontros, reuniões, audiências e chamadas públicas. É o colaborador cadastrado quem insere os dados na plataforma. Como na função inserir *pin* no mapa, o colaborador preenche um formulário com as informações sobre o evento que quer divulgar.

Propor um debate ou participar de um debate iniciado: o colaborador pode propor um assunto a ser discutido ou participar de um debate que está em andamento na plataforma, por meio dos comentários e apoios. O debate pode ser proposto por um indivíduo ou grupo, pode ser usado para deliberar as decisões utilizando a função “apoiar” ou “não apoiar”. É possível usar o espaço de debate para ouvir as diversas opiniões de um grupo amplo de pessoas, gerar uma lista de ideias, utilizando a função “comentar” e “responder”, ou ainda pode auxiliar na discussão de assuntos polêmicos que buscam um consenso. A função “curtir” também pode indicar quais são as opiniões ou ideias mais populares. Todas as interações no debate são mostradas na tela em tempo real, e uma notificação aparece na tela quando alguém comenta ou curte algum comentário.

3 A Plataforma Cartografia da Cultura em ação

O uso da plataforma Cartografia da Cultura ocorre desde maio de 2021 e seu estado atual é ativo. A plataforma recebeu a colaboração a partir da data de início e desde então, acompanhamos as interações e inconsistências verificadas nesse período. Na última verificação feita para este artigo, no dia 04 de julho de 2022, a plataforma contava com 307 colaboradores, 108 pins no mapa, 25 eventos adicionados na agenda e 9 debates iniciados. A figura 3

apresenta, ao longo do tempo, a primeira até a última observação da plataforma.

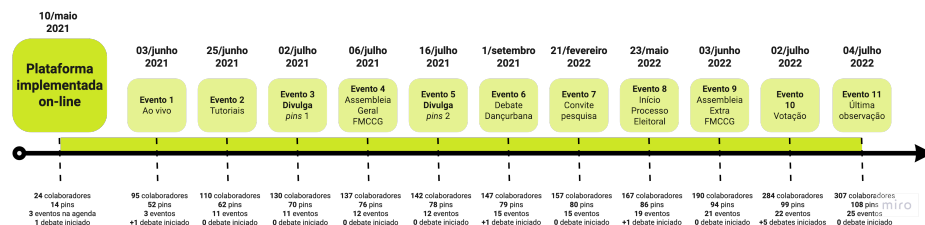


Figura 3. Linha do tempo da observação da interação na plataforma.
Fonte: Autora, 2022.

Na linha do tempo indicamos 11 dos 20 eventos monitorados pela pesquisa. Esses eventos são momentos de observação, que incluem a verificação do funcionamento da plataforma, identificação de *bugs*, a intensificação de postagens no *Instagram* e a quantificação da interação na plataforma através do cadastro, *pins*, agenda e debate. A apropriação da plataforma cresceu desde o início, e o crescimento parece ter relação com o estímulo feito pelo fluxos de informação continue sendo gerado, estimulando as emergências (MORIN, 2005).

Como complementação a esta observação, acompanhamos as discussões que aconteceram no grupo de *Whatsapp* do FMC, paralelamente ao uso da plataforma. Os debates propostos na plataforma tiveram pouca participação e os assuntos que causaram um fluxo de mensagens intenso não puderam ser identificados através da plataforma, mas sim, pelo grupo via *Whatsapp* e conta com a participação de 228 pessoas. Em nenhum momento o *Whatsapp* foi usado como ambiente deliberativo. Quando houve a necessidade de tomada de decisão pela comunidade, as assembleias (geral ou extraordinária) eram realizadas de forma remota via Zoom. Destacamos o período da Eleição da diretoria executiva do Fórum Municipal de Cultura de Campo Grande, para a gestão 2022-2024, que ocorreu no dia 02 de julho de 2022.

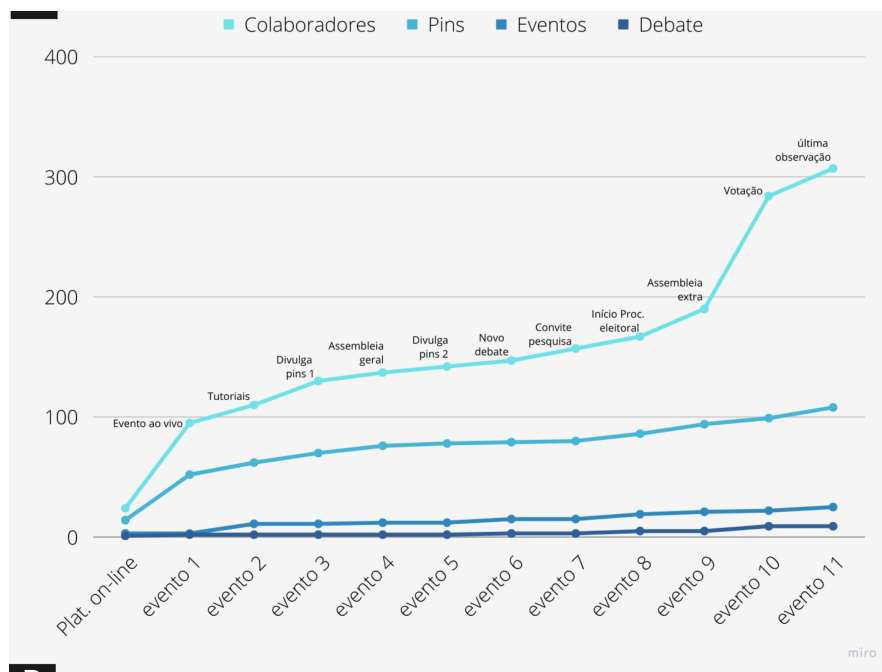


Figura 4. Quantitativos da interação na plataforma. Fonte: Autora, 2022.

A figura 4 mostra o aumento significativo de colaboradores cadastrados na plataforma justamente no período eleitoral. Para votar, eleitor poderia fazê-lo de forma presencial ou on-line, onde o voto on-line foi disponibilizado por meio da plataforma. Dada a experiência na plataforma Cartografia da Cultura, percebemos que o ambiente digital on-line de interação e comunicação, complementado pelo uso do *Whatsapp*, possibilitou formas únicas de debate, dificilmente encontradas em reuniões presenciais: permitiram a participação assíncrona, de quem não pode estar presente no dia da eleição; oportunizou falas simultâneas e abertas a todos os envolvidos possibilitando diálogos mais horizontalizados; e, por fim, constituíram repositórios de registro de todo o processo eleitoral, documentando as falas e o acompanhamento dos dados em tempo real, conferindo maior transparência ao processo.

4 Exame crítico da Plataforma Cartografia da Cultura

Retornamos agora à Teoria da Conversação de Pask (1976) e à complexidade de Morin (2005) para tratar da leitura das interações entre os diferentes atores ocorridas na plataforma Cartografia da Cultura. A conversação se realiza a partir das trocas de informações entre os atores envolvidos, da definição dos objetivos, acordos iniciais e do ambiente para que

essas trocas aconteçam, buscando manter ativa, através do controlador, a circulação de informação e, conseqüentemente, possibilitar ambientes de emergência.

No caso da plataforma Cartografia da Cultura, seu principal objetivo foi proporcionar ambientes de diálogo que, de forma organizada, pudessem esclarecer as demandas da comunidade artística, uma vez que o papel do Fórum Municipal de Cultura é mediar a comunicação entre a sociedade civil e a administração pública, através do Conselho Municipal. Neste sentido, a plataforma como meio de comunicação e organização da informação não foi apropriada pelos atores na maior parte do período observado, com exceção das semanas que antecederam a eleição do FMCCG. Os diálogos aconteceram pelo aplicativo *Whatsapp* pelo fato do aplicativo ser usado pela maioria dos atores, por estarem habituados com esse ambiente, por estarem familiarizados e capacitados pela experiência da comunicação feita através do aplicativo, e pelo aplicativo consumir pouco ou nenhuma franquia de dados. Quando a plataforma foi implementada, o grupo do FMC no *Whatsapp* já estava sendo utilizado há um ano pela comunidade artística como forma de se comunicar com a diretoria do Fórum, portanto, foi difícil migrar para outro ambiente, novo, que requer aprendizado e agilidade no fluxo de informação. A característica da mensagem instantânea e da notificação disponibilizada no celular pessoal de cada ator, tornou difícil o engajamento para a realização das discussões no ambiente da plataforma Cartografia da Cultura. Contudo, ela se mostrou eficiente para momentos de deliberação e tomadas de decisão, como foi a eleição do Fórum.

Em fevereiro de 2022, quando a plataforma contava com 157 inscritos, realizamos uma pesquisa com todos os colaboradores cadastrados através da aplicação de um questionário com o foco de compreender o uso da plataforma, suas lacunas e potências. O convite para a pesquisa foi enviado para 122 colaboradores de forma individual, por e-mail, dos quais 37 responderam o questionário, 30% dos usuários.

Você utiliza outros meios digitais de comunicação e/ou redes sociais para a discussão sobre políticas culturais de Campo Grande? Você pode marcar mais de uma alternativa e/ou selecionar a alternativa "Outro" para complementar sua resposta.

 Copiar

36 respostas

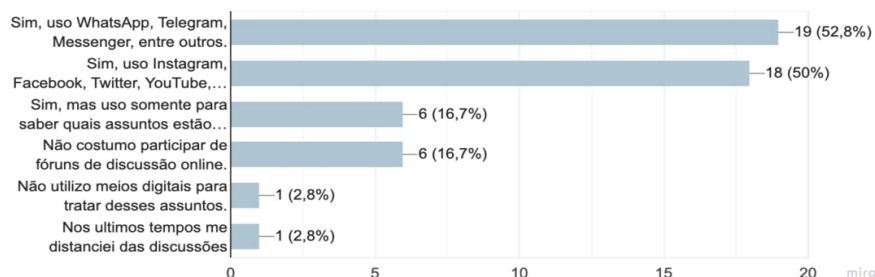


Figura 5. Captura de tela do questionário aplicado. Fonte: Autora, 2022.

A questão apresentada na figura 5, corrobora com a ausência do engajamento dos atores no debate realizado pela plataforma Cartografia da Cultura e que verificamos ao acompanhar o grupo FMC no *Whatsapp*. Metade dos respondentes disseram que usam o aplicativo para discutir políticas públicas culturais da cidade, além de outras redes sociais como *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*, *Telegram*, entre outros.

O recurso mais utilizado da plataforma foi inserir um *pin* no mapa. Nenhum dos respondentes iniciou um novo debate e apenas 8% participaram de um debate iniciado. Ao questionar sobre os motivos pelos quais eles não utilizaram o recurso do debate, as principais respostas foram:

- Me cadastrei, mas não explorei a plataforma;
- Não tive incentivo para utilizar o debate;
- Nenhum dos assuntos debatidos me interessou;
- Não fiquei sabendo que estava acontecendo um debate.

Essas respostas enfatizam a facilidade do uso do aplicativo popular para a comunicação e discussão no âmbito do Fórum Municipal de Cultura. Além disso, a plataforma não projetou um sistema de notificações e de envio de e-mails a cada nova interação. Do ponto de vista sistêmico, não houve estímulo para que o debate ocorresse no ambiente da plataforma, e por isso, não houve o fluxo informacional. Ainda que tenha sido utilizada na eleição do Fórum, a plataforma apresenta muitas lacunas em relação ao público que almeja alcançar. A comunicação sobre a dinâmica das interações, novos debates, novos eventos divulgados na agenda, novos pins inseridos poderiam estar conectados a um sistema de notificação, que serviriam como incentivo para o colaborador retornar à plataforma. Além disso, a própria diretoria do Fórum não se apropriou do ambiente de debate em pouco mais de um ano de funcionamento.

A experiência da implementação da plataforma Cartografia da Cultura possibilitou formular uma proposta inicial de metadesign para a concepção, desenvolvimento e acompanhamento de plataformas digitais on-line de participação cidadã, na direção de potencializar a comunicação e os fluxos de informação dentro dos sistemas e entre os sistemas. Segundo Vassão (2010), a antecipação da discussão a respeito do design do próprio objeto, ou seja, do metadesign, aponta para uma questão de mudança de atitude em relação aos estágios iniciais de concepção de um projeto. Isso pode fazer com que valores desejáveis como, por exemplo, flexibilidade, interatividade e responsividade, possam ser implementados e controlados com sucesso, beneficiando todos os envolvidos. (Alves, 2013).

As categorias e sub-categorias que compõem a nossa proposta de metadesign da conversação sistêmica em plataformas digitais on-line de participação comunitária são:

1. Sistêmicas, que embasam as práticas: a definição dos objetivos da plataforma; os acordos iniciais e a forma de comunicação e linguagem; os atores envolvidos; o papel do controlador e suas funções para que a plataforma não entre em um estado de estagnação e que possa permitir a emergência; a flexibilidade do sistema aberto à imprevisibilidade e entrada de outros elementos; capacidade de autonomia em relação à auto-organização e tomada de decisão.

2. Tecnológicas, que orientam o desenvolvimento da plataforma: as tecnologias necessárias de acordo com os objetivos; as linguagens de programação e definição das estruturas compostas por um conjunto de códigos genéricos (*frameworks*); os tipos de *input* e *output* que a plataforma comporta, como por exemplo, textos, imagens, áudios, vídeos, *hiperlinks*, dados geolocalizados; e a capacidade de reprodução e licenças de código aberto.

3. De interatividade, que indica os níveis de interação do usuário; a experiência do usuário e a navegabilidade; as funcionalidades e formas de participação, por comentários, apoios, votação e colaboração; a qualidade dos inputs e outputs; e definição da interface gráfica.

4. Difusão da informação, que é a capacidade de divulgação e chamada à participação; definição das instâncias participativas e colaborativas, se on-line, presencial ou ambos; a mobilização e engajamento; formação de redes de apoio e colaboração.

Para a concepção e implementação de plataformas digitais on-line para participação comunitária, entendemos que é de suma importância definir o design do design previamente com os atores envolvidos no processo para que se torne de fato colaborativo.

Referências

- Alves, G. M. (2014). Cibersemiótica e processos de projeto: metodologia em revisão. Tese de Doutorado, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São

Paulo, São Carlos. doi:10.11606/T.102.2014.tde-07012015-105828. Recuperado em 2023-08-21, de www.teses.usp.br

- Arango, V. M., Sánchez, A. G. & Mesa, C. A. O. (2014). Andar dibujando y dibujar andando: cartografía social y producción colectiva de conocimientos. *Revista Nómadas, Colômbia*. p.191-205.
- Dahlberg, L. (2001). Extending the Public Sphere through Cyberspace: The Case of Minnesota E-Democracy. *First Monday*, London, v. 6, n. 3, p. 147-163. <https://doi.org/10.5210/fm.v6i3.838>
- Freire, P. (1970). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005a.
- Foerster, H. (1981). On Cybernetics of Cybernetics and Social Theory. In: ROTH, G.; SCHWEGLER, H. (eds.) *Self-Organizing Systems*. Campus Verlag, Frankfurt am Main: 102-105. Disponível em: <<http://www.univie.ac.at/constructivism/hvf/089>>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- Janssen, D. & Kies, R. (2005). On-line Forums and Deliberative Democracy. *Acta Politica*, Basingstoke, n. 40, p. 317-335. Doi: 10.1057/palgrave.ap.5500115
- Jensen, J. L. (2003). Public Spheres on the Internet: Anarchic or Government Sponsored: A Comparison. *Scandinavian Political Studies*, Hoboken, v. 26, n. 4, p. 349-374. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9477.2003.00093.x>
- Latour, B. (2012). *Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 399p.
- Marteletto, R. M., Nóbrega, N. & Morado, D. (2013). Cultura informacional: demarcações de uma linha de estudos de cultura, informação e sociedade. In: ALBAGLI, Sarita (Org.). *Fronteiras da Ciência da Informação*. Brasília: IBICT, p.78-106.
- Morin, E. (2005). *Introdução ao pensamento complexo*. 1. ed. Porto Alegre: Sulina.
- Neto, F. L., Silva, E. V. & Costa, N. O. (2016). Cartografia Social instrumento de construção do conhecimento territorial: reflexões e proposições acerca dos procedimentos metodológicos do mapeamento participativo. *Revista Da Casa Da Geografia De Sobral (RCGS)*, 18(2), 56–70. Recuperado de [//rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/302](http://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/302)
- Pask, G. (1976). *Conversation Theory: applications in education and epistemology*. 1. Ed. Amsterdam: Elsevier.
- Sampaio, R. C. (2012). Quão deliberativas são as discussões na rede? Um modelo de apreensão da deliberação on-line. *Revista Sociologia Política: Curitiba*, v. 20, n. 42, p. 121-139.
- Vassão, C. A. (2010). *Metadesign: ferramentas, estratégias e ética para a complexidade*. São Paulo: Blucher.